

Início da queda da Selic muda cenário de investimentos

Ata do Copom divulgada pelo BC prevê cortes graduais dos juros, mas de olho na inflação



Mercado 'aposta' que ciclo de alta dos juros não deve durar muito tempo

Com a decisão do Comitê de Política Monetária (Copom) de sinalizar o início de um ciclo de redução da taxa básica de juros, o mercado financeiro passou a mudar as expectativas para a economia e para os investimentos nos próximos meses. A ata da reunião mais recente, divulgada pelo Banco Central nesta semana, indica que a Selic, atualmente em 14,75% ao ano, pode "começar a cair gradualmente, desde que o cenário inflacionário continue apresentando melhora consistente". O documento mostra que o Copom avalia "haver avanços no processo de desinflação", mas mantém postura cautelosa diante de riscos ainda presentes. Entre os pontos de atenção estão a inflação de serviços, considerada mais resistente, o mercado de trabalho aquecido e as incertezas do ambiente externo, especialmente relacionadas às condições financeiras internacionais.

Segundo o Banco Central, "a

eventual flexibilização da política monetária ocorrerá de forma gradual e dependerá da evolução dos indicadores econômicos". A autoridade monetária reforça que "a magnitude e a duração do ciclo de cortes não estão previamente definidas e serão ajustadas conforme o comportamento das expectativas de inflação e da atividade econômica". - cita a Ata. A sinalização busca equilibrar dois objetivos: "permitir a retomada gradual do crescimento econômico sem comprometer a convergência da inflação à meta de 3% no horizonte relevante". Por isso, mesmo com a perspectiva de queda dos juros, o Copom destaca que "a política monetária deverá permanecer em território restritivo por um período prolongado".

Opções de investimentos

O cenário de juros ainda elevados mantém a renda fixa como a opção mais segura no

mercado financeiro. Com a Selic em 14,75% ao ano, aplicações atreladas ao Certificado de Depósito Interbancário (CDI) ou à própria taxa básica Selic continuam oferecendo retornos considerados mais atrativos, sobretudo em comparação a períodos recentes de juros mais baixos.

Simulações do mercado indicam que investimentos relativamente conservadores seguem capazes de gerar ganhos relevantes. Um aporte de R\$ 5 mil em títulos pós-fixados, como Tesouro Selic ou Certificados de Depósito Bancários (CDBs) indexados ao CDI, pode apresentar rendimento significativo enquanto os juros permanecerem elevados, o que sustenta o interesse dos investidores por produtos de menor risco no curto prazo. Especialistas, no entanto, alertam que o ambiente de juros altos também amplia a exposição a promessas enganosas de rentabilidade. Para Marcos Melo, mestre em finan-

ças e professor do Ibmec Brasília, o investidor deve redobrar a atenção diante de ofertas que prometem ganhos muito superiores à taxa básica. "Com a Selic em 14,75% ao ano, o investidor precisa tomar cuidado com ofertas tentadoras de aplicações com rentabilidade muito maior que a taxa básica" - afirma. Segundo ele, "a busca por crescimento rápido do patrimônio pode tornar investidores mais vulneráveis a propostas que prometem retorno elevado com aparente segurança". Melo explica ainda que todo investimento envolve o equilíbrio entre três pilares: rentabilidade, liquidez e segurança. A rentabilidade corresponde ao retorno obtido sobre o valor aplicado; a liquidez indica o prazo necessário para resgatar o investimento; e a segurança representa a confiança de que o retorno ocorrerá conforme esperado. Para ele, não é possível aproveitar simultaneamente os três fatores, pois investimentos

seguros tendem a oferecer retornos menores, enquanto aplicações mais rentáveis geralmente envolvem maior risco ou menor liquidez. "Se uma oportunidade apresentar alta rentabilidade, alta liquidez e alta segurança ao mesmo tempo, o investidor deve desconfiar. A maior chance é de que seja um engodo", alerta.

A possível redução da Selic também tende a alterar aos poucos a estratégia dos investidores. Historicamente, ciclos de queda de juros reduzem a atratividade da renda fixa pós-fixada e incentivam a diversificação para títulos prefixados, papéis indexados à inflação e ativos de maior risco, como ações e fundos multi-mercados. Porém, enquanto os juros permanecerem em níveis elevados, aplicações conservadoras continuam competitivas e relevantes para a proteção do patrimônio, especialmente em um ambiente ainda marcado por incertezas econômicas.

Tesouro Direto registra R\$ 8,25 bilhões em investimentos em fevereiro

Os investimentos de pessoas físicas em títulos públicos somaram R\$ 8,25 bilhões em fevereiro, segundo dados divulgados pelo Tesouro Nacional nesta quarta(25). O resultado representa o maior volume já registrado para meses de fevereiro desde a criação do programa, em 2002, e reforça o crescimento da procura por aplicações de renda fixa em um cenário de juros elevados no país. Ao todo, foram realizadas 805.676 operações no período. Os resgates antecipados atingiram R\$ 3,6 bilhões, o que resultou em emissão líquida de R\$ 4,65 bilhões no mês — quando as vendas superaram os saques. O valor médio por aplicação ficou em R\$ 10.242,74, enquanto operações de até R\$ 1 mil responderam por 51,7% do total,

indicando forte participação de investidores de menor porte.

Os títulos atrelados à Selic responderam por R\$ 4 bilhões em vendas, equivalentes a 49% do total. Na sequência aparecem os títulos corrigidos pela inflação (IPCA), com R\$ 3,1 bilhões (38%), e os prefixados, que somaram R\$ 1,1 bilhão, ou 13% das aplicações. Fevereiro também marcou o início, ainda em fase de testes, da oferta do Tesouro Reserva, novo título público indexado à Selic e sem marcação a mercado. O papel permite negociações todos os dias da semana, inclusive fins de semana e feriados, e pode ser adquirido com valores a partir de R\$ 1. Em relação aos prazos, a preferência dos investidores concentrou-se nos títulos com vencimento en-



Divulgação

Tesouro Direto: investidores emprestam dinheiro ao Governo

tre cinco e dez anos, responsáveis por 67,6% das vendas. Papéis com prazo superior a dez anos representaram 26,1%, enquanto aplicações entre um e cinco anos corresponderam a 6,3% do total

negociado. O estoque total do Tesouro Direto alcançou R\$ 226,9 bilhões ao fim de fevereiro, crescimento de 3% em relação ao mês anterior e avanço de mais de 38% na comparação anual. A expan-

são reflete tanto a entrada líquida de recursos quanto a atualização dos títulos pelos juros acumulados. O número de participantes também continuou em alta. Mais de 222 mil novos investidores ingressaram no programa apenas em fevereiro, elevando o total para 34,8 milhões de cadastrados. Já o número de investidores ativos — aqueles com aplicações em aberto — chegou a 3,45 milhões, com aumento superior a 14% em 12 meses. Criado para ampliar o acesso da população aos títulos públicos federais, o Tesouro Direto permite investimentos online com diferentes tipos de remuneração e prazos, tornando-se uma alternativa de aplicação financeira diretamente vinculada ao financiamento da dívida pública federal.